



O Guarani

José de Alencar

A época: contexto histórico do Romantismo

O período de maior vigor da estética romântica corresponde à primeira metade do século XIX, época em que a civilização ocidental vive profundas contradições, grande parte delas trazida pela Revolução Industrial e pelo aumento de complexidade social determinado por ela.

Assim, a estética romântica vai expressar os sentimentos dos descontentes com as novas estruturas: a nobreza, que já caiu, e a burguesia, que ainda não subiu. Resultam daí as atitudes saudosistas ou reivindicatórias que pontuam todo o movimento.

A Europa vivenciava grandes mudanças já desde a segunda metade do século XVIII. Entre elas, cabe destacar a crise das monarquias nacionais absolutistas e a Revolução Francesa, com a disseminação dos seus ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Assiste-se também ao surgimento do Liberalismo em política, moral, economia e arte e a uma nova escala de valores em que predomina o interesse pelo enriquecimento.

Tantas transformações históricas, sociais e culturais exigem a compreensão global do complexo romântico, para que se possam entender os vários níveis de abordagem do movimento e sua riqueza de motivos e temas: o amor, a saudade, a dor, a infância, a pátria, a natureza, a religião, o passado são apenas alguns dos principais.

O Brasil também vive uma fase peculiar; a vinda da família real, em 1808 — e sua permanência na colônia até 1821 — determinaria profundas mudanças e marcantes ocorrências políticas e sociais, entre as quais se destacam:

Num primeiro momento:

- a abertura dos portos;
- a criação da Imprensa Régia;
- a fundação do Banco do Brasil;
- a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios.

Em 1822:

- a Independência do Brasil, que teve como consequência direta na arte um clima de euforia e ufanismo patriótico, com a exaltação da pátria, da terra, da gente e da natureza brasílicas;
- início do Primeiro Reinado, que se estenderia até 1831, com a abdicação de D. Pedro I.

De 1831 a 1840:

- Período Regencial;
- em 1835, o início da Guerra dos Farrapos, que se estenderia até 1845;
- Em 1840, a Proclamação da Maioridade de D. Pedro II, sagrado e coroado Imperador do Brasil no ano seguinte.

De 1841 a 1889, o Segundo Reinado, marcado pelas seguintes contingências:

- de 1841 a 1851, período de fortalecimento do regime e pacificação do país;
- de 1850 a 1889, fase de estabilidade política e intervenções militares em países vizinhos;

- de 1864 a 1870, a Guerra do Paraguai;
- em 1870, o início do processo de decadência do Império, que culminaria com a Proclamação da República em 1889.

A sociedade brasileira não assistia, ainda, à época do Romantismo, ao processo industrial vivenciado na Europa. Dessa forma, nossa intelectualidade era formada pelos filhos das famílias ricas do campo, que iam estudar em São Paulo, Recife e Rio — como Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Bernardo Guimarães, Franklin Távora — ou os filhos de comerciantes luso-brasileiros e de profissionais liberais — como Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Castro Alves e Sílvio Romero. Constituem exceção os escritores de origem humilde: Manuel Antônio de Almeida é um deles.

A estética romântica: riqueza de motivos e abordagens

O fulcro da cosmovisão romântica é o sujeito. O eu romântico, objetivamente incapaz de resolver os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão, foge à realidade. Assim, podem-se evidenciar, no movimento, algumas constantes:

- o egocentrismo, o narcisismo, que em determinados momentos — como no Ultrarromantismo — assumem a forma de verdadeira egolatria;
 - predomínio da emoção e do sentimento sobre a razão, dando vazão a um verdadeiro derramamento de emoções a ao excesso de sentimentalismo;
 - desequilíbrio, a anarquia, o ilogismo;
 - a prevalência da imaginação e do idealismo sobre o plano do real e do concreto;
 - a fuga à realidade, a evasão, o escapismo, manifesto de diversos modos:
 - na fantasia, com o artista criando mundos em que o "eu" possa encontrar consolo;
 - no tempo, com o retorno ao medievalismo, ao passado remoto: referências a terras exóticas, a lugares longínquos;
 - na Natureza, buscando remédios para os males do coração;
 - na deserção total, através da morte, sobretudo para os ultrarromânticos;
 - a introversão, a sondagem do mundo interior, que determinará a mundividência romântica e também a visão da Natureza, agora dinâmica e expressiva, refletindo as emoções do "eu", ao contrário da época anterior, neoclássica, árcaica;
 - o nacionalismo, a exaltação da pátria, o ufanismo;
 - a liberdade de expressão, o uso da língua como veículo das emoções do "eu" e, para tanto, o emprego insistente de algumas figuras de estilo, como a metáfora, a comparação, a prosopopeia, a sinestesia, a apóstrofe, etc.
-

Aspectos da prosa romântica brasileira

Data o Romantismo brasileiro de 1836, e sua prosa apresenta, bem definidas, características estéticas em que se marca um "nacionalismo literário", identificado tanto no indianismo alencariano quanto na prosa de conotação histórica e de ambientação regionalista — em que também se coloca José de Alencar, ao par de autores como Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay e Franklin Távora.

O Romantismo marca um período em que se inicia uma atividade literária voltada para os valores nacionais: há quem se interesse por aquilo que é nativo; tem-se, assim, o indianismo, já que nossa cultura nativa é a indígena. Por outro lado, faz-se também uma leitura da sociedade urbana fluminense incipiente, que sucede à observação dessa cultura nativa.

Desse modo, a prosa romântica apresenta uma riqueza temática de grande valor histórico e mesmo literário. Enquanto o Ceará — em *Iracema* — e o interior do Rio — em *O Guarani* — instituem-se como cenários de uma gênese da brasilidade e a região confluyente entre Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás representa um espaço preferencial no âmbito regionalista, o Rio de Janeiro desponta como centro de referência para os escritores da prosa romântica urbana.

Evidencia-se o interesse dos prosadores em pintar as cores locais, enfocando o espaço, o homem brasileiro, em busca do registro de uma cultura nativa (aborígine, indianista), sem, entretanto, deixar de observar os costumes e comportamentos de uma sociedade que se forma tanto no ambiente rural, como se vê em *Inocência*, como urbana, registrada, por exemplo, em *Senhora*. Essa é a razão do aparecimento da produção literária indianista, da regionalista e da urbana.

O indianismo: nacionalismo brasileiro

A valorização do índio foi um dos aspectos mais presentes em nossos românticos no que se refere ao propósito de afirmação da nossa nacionalidade. Afinal, tratava-se de exaltar aquele que era considerado o produto mais genuíno da terra brasílica.

Assim, Gonçalves Dias, na poesia, e José de Alencar, na prosa, buscaram enaltecer as tradições, a valentia e a honra dos silvícolas que habitavam a terra quando aqui chegou o homem branco. Para tanto, era mister estudar-lhes a vida, os hábitos, os costumes, a linguagem. Deve-se em grande parte a esses escritores a presença, hoje, de inúmeras palavras e expressões indígenas na língua portuguesa falada no Brasil.

A prosa alencariana indianista valoriza o que o Brasil tem de natural, de nativo, e não apenas exalta essa *brasilidade*, como também equipara a flora, a fauna e o silvícola à "modernidade" europeia.

Para melhor entender a obra indianista de Alencar, é necessário observar a sequência temporal que existe no enfoque do indígena: *Ubirajara* trata do índio no período pré-cabralino; *Iracema* aborda o contato do índio com o colonizador e *O Guarani* abrange a fase de colonização do Brasil.

Não se deve, porém, confundir a ordem desse enfoque com uma cronologia de produção do autor: *Ubirajara*, que fala do Brasil anterior a Cabral, foi escrito em 1874, depois de *O Guarani* e *Iracema*; por sua vez, *O Guarani* foi o primeiro a ser produzido — data de 1855 — e trata do período mais recente, a colonização, enquanto *Iracema* — de 1865 — se refere aos primeiros contatos entre o índio e o branco.

No prefácio da obra *Sonhos d' Ouro*, um de seus últimos romances, Alencar esclarece sua posição quanto à sua temática indianista, como se vê no excerto seguinte:

"O período orgânico desta literatura conta já três fases.

A primitiva, que se pode chamar de aborígine, são as lendas e mitos da terra selvagem e conquistada; são as tradições que embalsamam a infância do povo, ele escutava como o filho a quem a mãe acalenta no berço com as canções da pátria, que abandonou.

Iracema pertence a essa literatura primitiva, cheia de santidade e enlevo, para aqueles que venceram na terra da pátria a mãe fecunda — alma mater, e não enxergam nela apenas o chão onde pisam.

O segundo período é histórico: representa o consórcio do povo invasor com a terra americana, que dele recebia a cultura, e lhe retribuía nos eflúvios de sua natureza virgem e nas reverberações de um solo esplêndido.[...]

É a gestação lenta do povo americano, que devia sair da estirpe lusa, para continuar no novo mundo as gloriosas tradições de seu progenitor. Esse período colonial terminou com a Independência.

A terceira fase, a infância de nossa literatura, ainda não terminou; espera escritores que lhe deem os últimos traços e formem o verdadeiro gosto nacional, fazendo calar as pretensões, hoje tão acesas, de nos recolonizarem pela alma e pelo coração, já que não o podem pelo braço."

José de Alencar: o grande romancista do Romantismo brasileiro

José Martiniano de Alencar nasceu em Mecejana, Ceará, no ano de 1829, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1877. Mudou-se para o Rio com a família ainda na infância. Em 1843, vem para São Paulo, estudar Direito. Apaixonou-se logo pela Literatura: enquanto cursava a faculdade em São Paulo, dedicava-se à leitura de romances românticos franceses, que mais tarde influenciariam sua arte. Formado, foi para o Rio, para a Corte, onde conciliou as atividades de advogado com a atuação na imprensa, chegando a diretor do *Diário*

do Rio de Janeiro. Lá divulgaria seus primeiros romances, como *O Guarani*, publicado em 1857, primeiramente em folhetim e depois em volume, no mesmo ano.

Filho de um ex-padre que era também político — seu pai, José Martiniano, foi duas vezes presidente da Província do Ceará e senador do Império —, Alencar interessou-se pela política e chegou a Ministro da Justiça. Eleito deputado provincial pelo Ceará, foi preterido por D. Pedro II na indicação para senador e, ressentido, afastou-se da vida pública. Como político, assumiu sempre posições conservadoras, inclusive em relação ao problema da escravidão.

Sua carreira literária, apesar de pontuada pelas polêmicas em que se envolvia, foi intensa e bem-sucedida. Alencar foi escritor de amplo alcance e sua obra estabeleceu o que propriamente se pode chamar de *romance nacional*, não obstante tenha havido um Joaquim Manuel de Macedo. Sua verve produziu 21 romances, sendo *Senhora*, *Iracema* e *Lucíola*, consideradas obras-primas.

O crítico Antônio Cândido aponta-nos três "Alencar": o das personagens altruístas, despojadas de maus sentimentos, heróicas — caso em que se inclui *O Guarani*; aquele das mocinhas apaixonadas, dos namoros complicados, isto é, que trabalha com a complicação sentimental e destaca a mulher como figura central — os romances de salão — e, por fim, o Alencar de *Senhora* e de *Lucíola*, com seus personagens "dotados de amadurecimento interior e de complexidade psicológica inexistente nos heróis, vilões, donzelas e mancebos lineares e previsíveis."

De qualquer modo, seja qual for o Alencar tratado, será o grande ficcionista romântico, que teve no romance o ponto alto de sua produção artística e usou sua arte para conhecer e mostrar melhor a cultura de sua terra, pela qual era absolutamente apaixonado.

O Guarani: epopeia de formação da nacionalidade brasileira

Publicado em 1857 (inicialmente em folhetins e no mesmo ano em volume) *O Guarani* é considerado a "epopeia da formação da nossa nacionalidade", dentro do propósito romântico de afirmação nacional e exaltação patriótica. Idealizando tanto o índio como o colonizador português, que constituem o esteio de nossa raça, o livro, nas palavras — anteriormente transcritas — do próprio autor, insere-se naquele período que

"[...] representa o consórcio do povo invasor com a terra americana, que dele recebia a cultura, e lhe retribuía nos eflúvios de sua natureza virgem e nas reverberações de um solo esplêndido. [...] É a gestação lenta do povo americano, que devia sair da estirpe lusa, para continuar no novo mundo as gloriosas tradições de eu progenitor."

Como já observado, José de Alencar cultivou, além do romance indianista, o romance histórico, o regionalista e o urbano (de costumes). No romance indianista, abarcou três fases da nossa história relativamente ao contato entre o índio e o branco:

- o período pré-cabralino: *Ubirajara*, cujo enredo se passa antes da colonização portuguesa, com os índios ainda livres de qualquer influência estrangeira;
- os primeiros contatos entre o índio e o branco: *Iracema*, cujo enredo é dominado pela relação amorosa entre a personagem-título e o guerreiro português Martim;
- a colonização: *O Guarani*, que trata da convivência entre o índio e o branco já no processo de colonização.

Embora se classifique como indianista, *O Guarani* apresenta também diversas características dessas outras variações ficcionais, principalmente do romance histórico.

Tal como *Iracema* (com as personagens Poti, Jacaúna, Irapuã, Martim Soares Moreno), *O Guarani* traz personagens construídas com base em figuras que realmente existiram e fizeram parte da história brasileira. Já no primeiro capítulo o autor se inspira em fontes históricas para descrever o rio Paquequer.

D. Antônio de Mariz, uma das personagens centrais, é, por exemplo, ninguém menos que um dos nobres que assistiram à cerimônia de fundação e às edificações da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, na companhia de Mem de Sá, além de ter sido um dos defensores do solo brasileiro nos combates contra os franceses. É armado cavaleiro em 1578 e exerce os cargos de governador da real fazenda e de juiz da alfândega. Mas cairia no esquecimento, se não fosse resgatado como personagem por José de Alencar.

A presença do regionalismo se mostra na ambientação de uma fazenda como principal cenário onde transcorre a história; e a descrição pormenorizada dos detalhes sociais remete ao romance de costumes.

A linguagem é rica, colorida, adjetivosa, exuberante, marcada por metáforas e imagens grandiosas, exóticas e atraentes, de grande plasticidade. A idealização está presente a cada passo, tanto nas descrições da natureza, quanto na apresentação das personagens. Se Ceci é a heroína adolescente, Peri é o “bom selvagem” de Rousseau, um autêntico cavaleiro medieval, “*cavalheiro português no corpo de um selvagem!*”

A linguagem: uma língua brasileira

José de Alencar tinha como ideal contribuir para criar uma “língua brasileira”, independente dos padrões do português de Portugal:

“Nós, os escritores nacionais, se quisermos ser entendidos de nosso povo, havemos de falar-lhe em sua língua, com os termos ou locuções que ele entende, e que lhe traduz nossos usos e sentimentos.

Não é somente no vocabulário, mas também na sintaxe de língua, que o nosso povo exerce o seu inalienável direito de imprimir o cunho de sua individualidade, abrasileirando o instrumento das ideias.”

[...]

O povo que chupa o caju, a manga, o cambucá e a jabuticaba, pode falar uma língua com igual pronúncia e espírito do povo que sorve o figo, a pera, o damasco e a nêspira?”

Assim, sua linguagem, além de marcar-se pelo seu estilo não se furtou à generosidade no emprego dos adjetivos — considerados excessivos sob a óptica atual, que preza a concisão, a economia vocabular —, dos advérbios e de figuras como a metáfora, a prosopopeia, a comparação (que lhe permitia, a um só tempo, exaltar a natureza e o índio, amalgamado a ela). Mas procurou, também, preservar a nossa oralidade, preferindo, sempre que possível, períodos e orações curtas e o uso dos pronomes átonos em próclise. Resulta daí uma linguagem exuberante, colorida, marcada pela plasticidade nas descrições, como observa o crítico Antônio Cândido:

“Em nenhum outro, porém, aparece melhor o trabalho de visualização artística, compondo uma atmosfera de cores, formas e brilhos para celebrar a poesia da vida americana. Aliás, seu exaltado senso visual era quase sempre diretamente descritivo, construindo por vezes certas visões sintéticas de um luminoso impressionismo [...]”

O enredo

Narrado em terceira pessoa por um narrador onisciente, *O Guarani* apresenta um enredo marcado pelo idealismo e pelo sentimento nacionalista.

D. Antônio de Mariz, fidalgo português, instala, nos fins do século XVI, uma fazenda às margens do rio Paquequer, mantendo fidelidade absoluta ao propósito de colonização portuguesa (Portugal encontrava-se sob domínio espanhol). Sua casa passa, assim, a representar, no interior do Brasil, a resistência ao poder espanhol e funciona como abrigo de portugueses ilustres unidos pelo mesmo ideal patriótico e colonizador:

“[...] Tomou os seus penates, o seu brasão, as suas armas, a sua família, e foi estabelecer-se naquela sesmaria que lhe concedera Mem de Sá. Aí, de pé sobre a iminência em que ia assentar o seu novo solar, D. Antônio de Mariz, erguendo o vulto direito, e lançando um olhar sobranceiro pelos vastos horizontes que abriam em torno, exclamou:

— Aqui sou português! Aqui se pode respirar à vontade um coração leal, que nunca desmentiu a fé do juramento. Nesta terra que me foi dada pelo meu rei, e conquistada pelo meu braço, nesta terra livre, tu reinarás, Portugal, como viverás n' alma de teus filhos. Eu o juro!”

D. Antônio acolhe, também, alguns mercenários cobiçosos de ouro e prata, entre os quais se destaca Loredano, ex-padre e assassino de um homem a quem roubara o mapa das minas de prata do lugar onde se assenta o solar:

“Em um círculo de uma légua da casa, não havia senão algumas cabanas em que moravam aventureiros pobres, desejosos de fazer fortuna rápida, e que tinham-se animado a se estabelecer neste lugar, em parcerias de dez e vinte, para mais facilmente praticarem o contrabando do ouro e pedras preciosas, que iam vender na costa.

[...]

O fidalgo os recebia como um rico-homem que devia proteção e asilo aos seus vassalos; socorria-os em todas as suas necessidades, e era estimado e respeitado por todos que vinham, confiados na sua vizinhança, estabelecer-se por esses lugares.”

Ao par de alimentar seus planos em relação às minas, Loredano intenta raptar Cecília, a Ceci, filha de D. Antônio que, aos dezoito anos, era uma moça belíssima e virginal, a qual herdara as qualidades morais do pai:

“Os grandes olhos azuis, meio cerrados, às vezes se abriam como para se embeberem de luz [...]

Os lábios vermelhos e úmidos pareciam uma flor de gardênia dos nossos campos, orvalhada pelo sereno da noite [...] Sua tez alva e pura como um froco de algodão, tingia-se nas faces de uns longes cor-de-rosa, que iam, desmaiando, morrer no colo de linhas suaves e delicadas.

[...]

Os longos cabelos louros, enrolados negligentemente em ricas tranças, descobriam a fronte alva, e caíam em volta do pescoço, presos por uma rendinha finíssima de fios de palha cor de ouro, feita com uma arte e perfeição admirável.”

Ceci está sempre sob a vigilância e os cuidados do índio Peri, que a venera com adoração e tem da parte do pai dela a mais alta gratidão por tê-la salvado da morte. A moça trata-o como a um irmão e tem também a companhia de Isabel, sua prima (na realidade, filha ilegítima de D. Antônio com uma índia):

“Era um tipo inteiramente diferente do de Cecília; era o tipo brasileiro em toda a sua graça e formosura, com o encantador contraste de languidez e malícia, de indolência e vivacidade.

Os olhos negros, o rosto moreno e rosado, cabelos pretos, lábios desdenhosos, sorriso provocador, davam a este rosto um poder de sedução irresistível.”

Durante uma caçada pelas selvas, Diogo, filho de D. Antônio, mata uma índia, filha do cacique dos aimorés, índios inimigos dos portugueses e vingativos, que resolvem vingar-se matando Ceci:

“Tinham morto sua filha, era justo que matassem também a filha do seu inimigo; vida por vida, lágrima por lágrima, desgraça por desgraça.”

Os aimorés, porém, não obtêm seu intento de matar Ceci, por causa da contínua proteção de Peri. É também essa proteção que impede qualquer sucesso nas tentativas de Loredano em relação a ela:

“Em Peri o sentimento era um culto, espécie de idolatria fanática, na qual não entrava um só pensamento de egoísmo; amava Cecília não para sentir um prazer ou ter uma satisfação, mas para dedicar-se inteiramente a ela, para cumprir o menor dos seus desejos, para evitar que a moça tivesse um pensamento que não fosse imediatamente uma realidade.”

Ceci vai tomar banho com a prima Isabel, no rio, protegidas ambas pela vigilância distante de Peri, quando este nota que dois aimorés a esperavam, prontos para matá-la com a flecha. Sem hesitar, Peri atira nos dois com as pistolas que ganhara de Ceci.

Mas uma outra selvagem vira a cena e foge, perseguida por ele, mesmo ferido.

Enquanto Peri protege Ceci e Isabel e persegue a índia, Da. Lauriana, mulher de D. Antônio, descobre uma onça que o guarani caçara como presente para sua senhora, que manifestara o desejo de ver uma fera

viva. Preconceituosa, irascível, pressiona o marido para expulsar o “bugre”, que representa, segundo ela, enorme perigo para todos.

Entrementes, D. Antônio de Mariz chama o filho e D. Álvaro de Sá, cavalheiro português fiel a ele, e lhes comunica que queria fazer seu testamento: ao filho, o legado de pai, e ao cavalheiro, a felicidade de Ceci e a nobreza de seu nome. Assume, ainda, diante dos dois, que Isabel é mesmo sua filha.

Peri retorna ao solar e é conduzido pelo fiel escudeiro Aires Gomes à presença de D. Antônio e sua família. Lá, ouve sua “sentença de degredo”: D. Antônio diz-lhe que ele deve voltar para sua tribo, pois não pode manter no solar alguém que não crê em Deus. Peri responde que também tem o seu deus e pede para ficar apenas até o ataque dos aimorés, que era iminente: queria protegê-los mais uma vez. Aí, toda a situação se esclarece e D. Antônio, ciente de que mais uma vez Peri expusera a própria vida para salvar Cecília, roga-lhe — juntamente com Da. Lauriana — que fique com eles. Peri fica, pois isso é também o que Ceci quer.

Além de Peri — que a idolatra — e Loredano — que a deseja com paixão —, Cecília tem ainda, a princípio, o amor de Álvaro:

“Em Álvaro, cavalheiro delicado e cortês, o sentimento era uma afeição nobre e pura, cheia de graciosa timidez que perfuma as primeiras flores do coração, e do entusiasmo cavalheiresco que tanta poesia dava aos amores daquele tempo de crença e lealdade.”

Peri descobrira, quase por acaso, quem Loredano é; ouvira, às escondidas, uma conversa do aventureiro com seus dois comparsas, Bento Simões e Rui Soeiro, e ficara sabendo de seu plano sujo: além de matar a todos, o bandido queria possuir Ceci. O fiel guarani resolvera acautelar-se e proteger ainda mais sua senhora e a família dela.

O narrador faz, em *flash back*, o relato do passado do italiano: ex-padre carmelita — chamado frei Ângelo di Luca —, era um frio assassino, que não se furtava a tirar a vida de alguém se tal pessoa lhe atrapalhasse o intento de conseguir a riqueza que ambicionava, desde que roubara o mapa das minas de prata a um moribundo que lho entregara em confissão e confiança.

O clima de rivalidade e desconfiança que já se instalara desde o início entre D. Álvaro e Loredano se acirra. O bandido resolve começar a agir. Crescem os conflitos na narrativa, ao mesmo tempo em que Isabel se aproxima de Álvaro e acaba por confessar-lhe seu amor. Inicialmente surpreso, o cavalheiro vai-se deixando envolver por essa paixão:

“Desde a véspera Álvaro não podia eximir-se à impressão poderosa que causara nele a paixão de Isabel; era preciso que não fosse homem para não se sentir profundamente comovido pelo amor ardente de uma mulher bela, e pelas palavras de fogo que corriam dos lábios de Isabel impregnadas de perfume e sentimento.”

D. Antônio manda o filho ao Rio de Janeiro, com o objetivo de conseguir reforços. Incumbido de escolher quatro homens para acompanhar D. Diogo, Álvaro ordena que Loredano seja um deles, apesar da resistência deste, que alegara estar doente. O italiano obedece, mas arma seu plano com os cúmplices e, desligando-se da comitiva com uma desculpa, volta sorrateiramente para o solar, à noite. Penetra furtivamente no quarto de Ceci e tenta raptá-la, mas é impedido por Peri:

“O braço de Loredano estendeu-se sobre o leito; porém a mão que se adiantava e ia tocar o corpo de Cecília estacou no meio do movimento, e subitamente impelida foi bater de encontro á parede.

Uma seta, que não se podia saber de onde vinha, atravessara o espaço com a rapidez de um raio, e antes que se ouvisse o sibilo forte e agudo pregara a mão do italiano ao muro do aposento.”

Enquanto partia a comitiva para buscar ajuda, chegavam à fazenda alguns novos aventureiros, entre os quais mestre Nunes, que estranhou a semelhança entre Loredano e um antigo padre que conhecera, frei Ângelo di Luca. Velho amigo de Aires Gomes, conta-lhe suas suspeitas e os dois, retomando as circunstâncias em que o italiano chegara à casa de D. Antônio, descobrem que realmente se trata da mesma pessoa: um fascínora perigoso.

Peri, consciente de todo o plano, resolvera matar os bandidos sozinho, sem envolver a família, nem assustar Cecília: não queria que sua senhora tivesse a menor mágoa por causa da situação. Assim, naquela noite o fiel guarani não apenas flecha a mão de Loredano, como também mata Bento Simões e Rui Soeiro.

Descobertos os corpos destes dois, arma-se uma revolta entre os aventureiros, instigados pelo ex-padre. D. Antônio enfrenta-os altivo e digno, impondo-lhes sua força moral e sua autoridade, mas o clima de rebelião já se havia instalado, e ela só não se efetivou porque os aimorés começaram seu ataque à fortaleza.

Passados dois dias, a situação do solar já era desesperadora, pois a casa estava à mercê dos aimorés, por um lado, e dos aventureiros revoltosos liderados por Loredano, por outro. Paralelamente, Álvaro descobrira-se apaixonado por Isabel, e os dois passam a desfrutar seus sentimentos em meio à impressão de morte iminente.

A situação vai-se agravando até tornar-se insustentável. Peri tenta uma solução desesperada: quebra suas armas e luta sozinho contra os aimorés, rendendo-se após decepar a mão do velho cacique, a fim de ser considerado herói e ter seu corpo devorado pelos inimigos. Aí, envenena-se para envenená-los também e, assim, salvar a casa de D. Antônio.

No entanto, à espera do sacrifício, Peri é salvo por D. Álvaro de Sá e, face ao desespero de Ceci por sua causa, sai à procura de antídoto contra o veneno que tomara e, quando volta, traz o corpo de Álvaro, morto em combate com os aimorés.

Sabedora de que ele já correspondia ao seu amor, Isabel, inconformada, busca a própria morte, incendiando o aposento em que ambos se encontravam:

“Louca, perdida, alucinada, ela ergueu-se, seu seio dilatou-se, e sua boca, entreabrindo-se, colou-se aos lábios frios e gelados de seu amante; era o seu primeiro e último beijo; o seu beijo de noiva.

Foi uma agonia lenta, um pesadelo horrível em que a dor lutava com o gozo, em que as sensações tinham um requinte de prazer e de sofrimento ao mesmo tempo; em que a morte, torturando o corpo, vertia na alma eflúvios celestes.

[...]

Isabel não tinha mais forças para resistir e realizar o seu heróico sacrifício; deixou cair a cabeça desfalecida, e seus lábios se uniram outra vez num longo beijo, em que essas duas almas irmãs, confundindo-se numa só, voaram ao céu, e foram abrigar-se no seio do Criador.

As nuvens de fumaça e de perfume se condensavam cada vez mais e envolviam como um lençol aquele grupo original, impossível de descrever.”

Enquanto isso, D. Antônio tenta defender-se a si e à sua casa e família, ao lado do fiel escudeiro Aires Gomes e mantendo uma quantidade de pólvora para usar em último caso. Sentindo-se seguro, Loredano parte para a ação, a fim de matar D. Antônio e raptar Ceci, mas é preso e condenado a morrer queimado.

O cerco dos aimorés é cada vez maior, e D. Antônio pede a Peri que se torne cristão, pois essa era a única maneira de ele permitir a fuga do índio com Ceci, única solução para salvar os dois. Peri concorda e carrega Ceci, entorpecida por uma bebida que o pai lhe dera. Numa frágil canoa eles descem o rio e ouvem a explosão da casa, provocada por D. Antônio.

Sozinha no mundo, Ceci se recusa a ir para o Rio de Janeiro procurar seu irmão ou sua tia, conforme o pai pedira a Peri. Prefere ficar com o índio que, numa luta desumana, arranca uma palmeira do solo, improvisando uma canoa, para fazer face às águas que sobem cada vez mais. O final é aberto, com a sugestão da união amorosa entre as duas raças que, na visão alencariana, constituiriam o esteio da raça brasileira:

“O hálito ardente de Peri bafejou-lhe a face.

Fez-se no semblante da virgem um ninho de castos rubores e lânguidos sorrisos: os lábios abriram como as asas purpúreas de um beijo soltando o vôo.

A palmeira arrastada pela torrente impetuosa fugia...

E sumiu-se no horizonte.”

Comentários gerais

Como nas outras obras de temática indígena do autor (*Iracema* e *Ubirajara*), a narrativa parte do lendário para seguir uma racionalização gradual de ações rigorosamente distribuídas por capítulos que produzem uma concepção harmoniosa da história e permitem a valorização do elemento nacional.

A narrativa apresenta 54 capítulos, distribuídos em 4 partes:

- “Os aventureiros”;
- “Peri”;
- “Os aimorés”;
- “A catástrofe”.

Segundo o crítico Affonso Romano de Sant’Anna, ao longo dessas quatro partes, pode-se observar que a trama percorre três etapas:

- a) uma etapa inicial, caracterizada pela ausência de conflitos, na qual são apresentados o cenário e as personagens;
- b) uma segunda etapa, na qual os conflitos começam a aparecer, com a gradativa luta entre as personagens, que vão entrando em choque até a quase destruição de todos;
- c) uma terceira e última etapa, com as personagens “sobreviventes” numa atmosfera de harmonia semelhante ao início da história.

A primeira etapa marca-se pela harmonia tanto entre as personagens e o espaço, como entre os dois ambientes que constituem esse espaço: o natural e o cultural. Os elementos coordenam-se e complementam-se: natureza, casa e homem se integram de modo aparentemente edênico. A natureza é antropomorfizada, e o homem, naturalizado. Tal integração pode ser observada no brasão da família de D. Antônio de Mariz, em que o reino vegetal, o mineral e o animal se enlaçam.

Ainda nesta parte, o princípio da ordem e da paz é assegurado pelo “direito natural” exercido por D. Antônio, que remonta à organização feudal, na qual o senhor é soberano sobre os servos e que é ilustrada pela própria relação entre o rio Paquequer e o Paraíba:

“[...] dir-se-ia que vassalo e tributário desse rei das águas, altivo e sobranceiro contra os rochedos, curva-se humildemente aos pés do suserano. [...] ...; escravo submisso, sofre o látigo do senhor.”

É desse substrato que procede o código de honra baseado na lealdade, observado no comportamento de Álvaro. Também a situação de Peri em relação a Ceci remete à relação de vassalagem: referido várias vezes como escravo submisso, e é lara (a senhora, em guarani) o nome que ele dá a ela, ao salvá-la de ser esmagada por uma pedra.

A segunda etapa tem início com o aparecimento dos elementos conflitantes no cenário paradisíaco inicial. O elemento natural e o cultural passam a se opor: de um lado, o natural representado pela natureza (Peri e os índios aimorés e guaranis); de outro, o cultural formado pelas personagens em torno de D. Antônio de Mariz (a família e os aventureiros). Até mesmo internamente esses dois elementos apresentam conflitos, já que em ambos existem os “amigos” e os “inimigos” das personagens centrais. A destruição da casa de D. Antônio de Mariz começa a partir de dois pontos desses elementos: um interno, cultural (Loredano) e um externo, natural (os aimorés); é como se dois pontos negativos se unissem para aniquilar os positivos.

As personagens são apresentadas em pares que se opõem internamente:

- D. Antônio, português e fidalgo, e D. Lauriana, paulista e não fidalga;
- Ceci, loira, filha legítima, amiga de Peri, e Isabel, morena, filha ilegítima, inimiga de Peri;
- Álvaro, cavalheiro refinado, e Loredano, bandido assassino;
- Álvaro, cavalheiro refinado, e Peri, selvagem.

O sentimento que Ceci desperta nos homens, por sua vez, permite evidenciar as partes de um triângulo:

- Peri, que a adorava;
- Álvaro, que a amava;
- Loredano, que a desejava.

Também dois triângulos amorosos parecem muito claros ao longo da narrativa:

- Peri — Ceci — Álvaro
- Ceci — Álvaro — Isabel

O índio, como o “bom selvagem” de Rousseau, amalgamado à natureza, é separado dramaticamente de D. Antônio de Mariz, “português de antiga têmpera, fidalgo leal”. Enquanto D. Antônio é senhor em sua casa, chefe de seu clã e representante da metrópole, guardião das tradições e, portanto, o *senhor cultural*, Peri é senhor em seu habitat, (a natureza), o herói das florestas brasileiras, guerreiro invencível, representando o *senhor natural*. Entre os dois se coloca intermediariamente Ceci, único elemento do mundo cultural a realizar harmoniosamente uma integração à natureza, movida pela força de atração de Peri.

A terceira etapa apresenta a confirmação de que a natureza é superior à cultura, conforme preconizava o ideário do Romantismo. Iniciada dentro de um código que remetia ao substrato medieval, a narrativa caminha para uma posição ideológica mais romântica: Peri passa a ser o verdadeiro mediador entre a cultura e a natureza, introduzindo e acompanhando Ceci no conhecimento de si mesma e desse novo mundo. A Natureza passa, então, a ter supremacia sobre a cultura, realizando o ideal romântico de liberdade e pureza: o herói primitivo, Peri, cujo nome significa “junco selvagem”, é o próprio símbolo da natureza. Essa predominância se acentua à medida que surge o mítico na narrativa, à medida que a obra vai abandonando seu caráter histórico e novelesco e identificando-se com o mito. Os dois mitos finais, um de origem judaica (Noé) e outro indígena (Tamandaré), indiciam a solução para a história, que já fora encaminhada ao longo da narrativa e de certa forma predita quando Peri conta a Ceci a lenda do Tamandaré. Apoiando-se no mítico, o texto vai-se aproximando do poético.

Ceci, nesta parte, passa a manter um novo tipo de relação com as coisas da natureza, já que Peri, reintegrado em seu mundo natural, pode comunicar-se com ela num mesmo código, porque ela já o desvendou, em seu processo de integração à natureza. Restabelece-se a atmosfera edênica inicial do romance, que fora perdida e que nesta fase final se manifestará mais completamente, uma vez que a aparência substitui a essência.

Tudo o que representava a supremacia da cultura sobre a natureza fora destruído: a casa, as pessoas, os costumes, os objetos. Todas as diferenças sociais, raciais. O mundo feudal, que pode ser visto metafóricamente como as amarras às raízes de Portugal, vai pelos ares. Restam, agora, os dois, Peri e Ceci, num ambiente paradisíaco, edênico, em que podiam “ser”, em toda a plenitude. E dar início a uma nova raça, mestiça, morena, tropical, conforme o pensamento de José de Alencar.

E a uma língua rica, natural, que “serpeja ou salta como o rio que se despenha da cascata”, uma língua brasileira, contribuição sem preço de um autor que lutou por uma língua nacional e que mereceria de Mário de Andrade a elogiosa referência “A José de Alencar, pai-de-vivo que brilha no vasto campo do céu” na primeira versão manuscrita de seu *Macunaíma*, o herói de nossa gente, sem nenhum caráter, o “antiPeri”.

As personagens principais

- **Peri:** o Guarani, índio valente, corajoso, chefe da nação goitacá. Abandona seu povo para servir a Cecília, que julga ser “Iara”, a senhora.
- **Família de D. Antônio de Mariz:**
 - **Ceci (Cecília):** moça linda, de doces olhos azuis, gênio travesso, mas meiga, suave, sonhadora, herdeira da força moral interior de seu pai, D. Antônio de Mariz.
 - **Isabel:** moça morena, sensual, de sorriso provocador, típica beleza brasileira; filha bastarda de D. Antônio de Mariz com uma índia, oficialmente sobrinha dele e prima de Ceci.
 - **Da. Lauriana:** senhora paulista, de cerca de cinqüenta anos, magra, forte, de cabelos pretos com alguns fios brancos; um tanto egoísta, soberba, orgulhosa, neste ponto diferente do marido, D. Antônio de Mariz.

- **D. Diogo de Mariz:** jovem fidalgo, na “flor da idade”, que passa o tempo em caçadas e correrias; tratado com rigidez pelo pai, D. Antônio de Mariz, em nome da honra da família.
 - **D. Álvaro de Sá:** jovem, cavaleiro nobre, corajoso e fiel a D. Antônio de Mariz.
 - **Aires Gomes:** idade avançada, escudeiro fiel e extremamente dedicado de D. Antônio de Mariz.
 - **Loredano:** um dos aventureiros da casa do Paquequer; italiano, moreno, alto, musculoso, longa barba negra, sorriso branco e desdenhoso, ganancioso, ambicioso; ex-padre (Frei Ângelo de Luca), religioso traidor de sua fé.
-

O foco narrativo

A obra apresenta foco narrativo de terceira pessoa, com narrador onisciente. No caso de *O Guarani*, essa onisciência não pressupõe imparcialidade ou distanciamento, pois o narrador tece, ao longo da narrativa, comentários de juízo sobre as atitudes das personagens, como que induzindo o leitor a acreditar na superioridade da natureza sobre a cultura.

O tempo

Predomina o tempo cronológico, com a ação remontando ao início do século XVII, explicitamente: “Corria o mês de março de 1603...”, “No ano da graça de 1604...” etc. Para completar as informações que deseja transmitir ao leitor, o narrador se vale do “flashback”, como no caso do passado de Loredano e da caçada de D. Diogo, quando este matou a índia.

O espaço

A ação desenvolve-se praticamente toda na casa de D. Antônio de Mariz e suas circunvizinhanças. O narrador enfatiza também — e muito — a beleza majestosa das matas e florestas, a exuberância da natureza brasileira.

Atividades

(FEI) Com base no trecho final de *O Guarani*, responda as questões 1 a 4.

“Tudo era água e céu.

A inundação tinha coberto as margens do rio at e onde a vista podia alcançar; as grandes massas de água que o temporal durante a noite inteira vertera sobre as cabeceiras dos confluente do Paraíba desceram das serranias, e, de torrente em torrente, haviam formado essa tromba gigantesca que se abatera sobre a várzea.

A tempestade continuava ainda ao longo de toda a cordilheira, que aparecia coberta por um nevoeiro escuro; mas o céu, azul e límpido, sorria mirando-se no espelho das  guas.

A inunda o crescia sempre; o leito do rio elevava-se gradualmente; as árvores pequenas desapareciam; e a folhagem dos soberbos jacarand s sobrenadava já como grandes moitas de arbustos.

A c pula da palmeira em que se achavam Peri e Cecilia, parecia uma ilha de verdura banhando-se nas águas da corrente; as palmas que se abriam formava no centro um berço mimoso, onde os dois amigos, estreitando-se, pediam ao céu para ambos uma só morte, pois uma só era a sua vida.

José de Alencar

1. Dar a diferença entre:

a) corrente e torrente.

b) confluyente e afluyente.

2. Em meio ao drama da inundação, como explicar a expressão "berço mimoso"?

3. Identifique e localize características do Romantismo no texto.

4. Qual é o ambiente histórico retratado no episódio narrado por José de Alencar?

Para responder às questões 5 e 6, leia com atenção o fragmento de texto abaixo, retirado da obra *O Guarani*, de José de Alencar:

"Na tarde desse mesmo domingo em que tantos acontecimentos se tinham passado, Cecília e Isabel saíam do jardim com o braço na cintura uma da outra.

Estavam vestidas de branco; lindas ambas, mas tinha cada uma diversa beleza; [...]"

5. Caracterize física e psicologicamente as personagens a quem o texto se refere.

6. Comente o relacionamento entre Isabel e D. Lauriana. Justifique sua resposta com elementos da obra.